



QUEM TEM MEDO DE MADONNA?

WHO'S AFRAID OF MADONNA?

Antonio Ricardo Calori de Lion¹ <https://orcid.org/0000-0001-6746-2240> <http://lattes.cnpq.br/8651248987276573>

Recebido em: 08 de março de 2025.

Revisão final: 15 de março de 2025.

Aprovado em: 16 de março de 2025.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.22948>

RESUMO: Com o espetáculo The Celebration Tour, Madonna levou para a praia de Copacabana um espetáculo que transcendeu o mero entretenimento. O seu show abordava sua carreira e vida, em retrospecto, contendo muitos temas sociais e políticos. O que se seguiu após sua passagem pelo Brasil lançou luz em debates que, novamente, tentaram ser monopolizados e polemizados pela direita radical brasileira, mas que não foi bem-sucedido. A crítica do texto se debruça, sobretudo, sobre as dinâmicas em torno da artista e das discussões em torno de gênero e sexualidade, em perspectiva sociopolítica.

Palavras-chave: Madonna, The Celebration Tour, gênero, feminismo.

ABSTRACT: With The Celebration Tour, Madonna took to Copacabana beach a show that transcended mere entertainment. Her show addressed his career and life in retrospect, containing many social and political themes. What followed after his visit to Brazil shed light on debates that, once again, the Brazilian radical right tried to monopolize and create controversy, but were unsuccessful. The text's critique focuses on the dynamics surrounding the artist and the discussions surrounding gender and sexuality, from a sociopolitical perspective.

Key words: Madonna, The Celebration Tour, gender, feminism.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Câmpus de Rondonópolis. Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Professor da rede básica da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEDUC/SP). É membro do LEDLin - Laboratório de Estudos em Diferenças e Linguagens (UFMS/Aquidauana). E-mail: antonio.lion@unesp.br

*Então aqui está minha história
Sem risco, sem glória
Um pouco de sobe, e desce, e ao redor
É tudo uma questão de sobrevivência²*

Dallas Austin e Madonna, *Survival*, 1994

“Uma festa. Um pandemônio. Tem público de todas as tribos, de todos os tipos”. Essa frase poderia ter sido facilmente proferida pela passagem de Madonna com a The Celebration Tour, no Rio de Janeiro, em maio de 2024, mas na verdade se trata de uma descrição sucinta da repórter Sandra Moreyra, para o Jornal Nacional, em 06 de novembro de 1993, quando a cantora se apresentou pela primeira vez, no Brasil, com a The Girlie Show Tour (Jornal Nacional – Madonna no Maracanã..., 1993). Entre 1993 e 2024, Madonna fez muitas coisas, se reinventou, se transformou, mas a essência de estar em torno de grupos marginalizados e de auxiliar a lançar luz sobre eles, jamais deixou de estar em seu horizonte e prática artísticos.

Figura 1 – Multidão assiste ao show de Madonna, destaque para adolescentes tentando ver o palco.



Fonte: Página Madonna Brasil, no Facebook. Foto Alexandre Woloch.

O espetáculo musical apresentado pela artista estadunidense na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, foi um marco para a cidade, e também para sua carreira com um público de 1,6 milhão de pessoas, superando as expectativas que a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro tinha, em relação ao alto investimento no

² No original, em inglês: “So here’s my story (my story)/No risk, no glory (no glory)/A little up and down and all around/It’s all about survival”.

evento (Freire, 2024).³ O show tinha o claro objetivo de ser um marco econômico para a cidade, no meio do entretenimento e do turismo cultural. Para a artista, se tratava do encerramento de sua turnê comemorativa de 40 anos de carreira, em que por meio do espetáculo multimídia, apresentava sua autobiografia em um espetáculo musical único, um formato até então inédito de show entre *popstars*.

Figura 2 – Foto aérea da praia de Copacabana durante o show The Celebration Tour in Rio (2024)



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro. Foto: Fabio Motta.

O objetivo deste texto não é discutir sobre as relações entre indústria cultural e cultura de massas, ou ainda os recordes e afins conquistados pela artista e pela Prefeitura do Rio de Janeiro, embora esses temas sejam transversais ao longo da crítica, mas sim estabelecer uma reflexão em torno do debate iniciado, a partir do show, em âmbito social.

Madonna sempre esteve na vanguarda do *mainstream* desde o lançamento de seu segundo álbum *Like a Virgin*, em 1984. A artista conseguiu capitanear, por décadas, o espírito juvenil disruptivo e transportar isso para videocliques, músicas e shows de forma sempre a provocar os limites em torno de um pretenso *status quo*. A sua maior ousadia, no sentido do uso da imagem e da performance, sem sombra de dúvidas foi o uso da conotação sexual e da liberdade feminina, com elementos

3 Embora tenha havido controvérsia em relação ao número de pessoas presentes no evento, os dados oficiais apontam a superação de 1,5 milhão de espectadores. Cf. Nascimento, 2024.

profundos do universo homoerótico, sobre qualquer outra coisa imposta por uma sociedade conservadora, misógina, machista e cisheteronormativa.

A combinação de elementos sexuais à religião, seja em conteúdos líricos ou na construção midiática de sua performance, a colocou como um modelo de artista pop que vai além do *mainstream*, sem pudores pela indústria do entretenimento, sem maneiras despolitizadas de transportar a realidade vivida para os palcos. Foi nessa sintonia que, em 1993, Madonna criou um show erótico/sensual transportando para o palco a dureza da repressão e medo da liberdade sexual tocando em espinhosos assuntos “controversos” para uma sociedade conservadora: epidemia de HIV/aids, diversidade sexual, empoderamento do corpo feminino e fantasias sexuais. Esse coquetel explodiu em críticas quando seu livro *SEX* foi lançado, em outubro de 1992, um ano antes de estrear *The Girlie Show*, no Brasil.

Parabell hooks(2023, p. 40-41), no início dos anos 1990, Madonna transicionou midiática e politicamente para um lado que se distanciava do feminismo mais radical (pelo fim do sexismo e opressão sexista), deixando um ruído nas mulheres que a viam, nos anos 1980, como uma mulher que não se reprimia e por atitudes com riscos e rebeldia contra as opressões sexistas, traçava novos rumos para uma geração de mulheres que não queriam mais se acomodar em padrões machistas sociais e culturais.

Sob esse ponto de vista, a autora dissecou uma fase “inglória” (do ponto de vista social estadunidense) da cantora, quando estava trabalhando na divulgação do álbum *Erotica* (1992) e de seu livro *SEX* (1992). As reflexões de hooks se baseiam, sobretudo, na mudança de imagem de Madonna no âmbito da representação feminina (ao qual a autora compara a um olhar pornográfico heterossexista guiado por um estilo de “pornografia infantil”), dessa forma, isso “[...] expõe a maneira como o envelhecimento da mulher em uma sociedade sexista pode comprometer a fidelidade de qualquer uma às visões políticas radicais, ao feminismo” (hooks, 2023, p. 41).

A estrondosa primeira passagem, em novembro de 1993, com dois shows no Brasil, causou muita controvérsia, confusão, mas sobretudo, interesse e reflexão. Diferente do ponto de vista de hooks, no Brasil a passagem da cantora em meio ao reboleiro de sua carreira nas imagens envolvendo sexo e cultura sadomasoquista homoerótica, teve outras impressões:

Nem ofensiva nem obscena, Madonna representa tudo aquilo que todos nós gostaríamos de ser e ter: o prazer sem culpa. Acho que uma figura assim não existiria em tempos e espaços sem o vírus da aids, que bloqueou a prática sexual e incendiou todas as formas imaginárias e indiretas da sexualidade. Veja-se, no mundo inteiro, a maré de revistas, filmes, vídeos pornográficos, sexo por telefone e todas as formas de, digamos, fazer a coisa da maneira mental, não física – e portanto sem riscos. Madonna faz no palco tudo aquilo que as pessoas (as saudáveis) fazem na cabeça. Exemplo – um crioulo (*sic*) fortíssimo, com sotaque baiano, vendendo cerveja na fila, gritava o que todo mundo sentia: “Minha gente, quero ser que nem a Madonna para dar mais que chuchu na cerca!” (ABREU, 1993).

As palavras de Caio Fernando Abreu enaltecem a coragem de Madonna em levar para o palco o desejo, o tesão sem pudores em uma era em que o medo da prática sexual (sobretudo entre homens gays, trans e travestis) imperava. O amor contado de várias formas no palco colocava Madonna como uma contracorrente impetuosa naqueles anos, naquele tempo. Isso era o determinante contra o tal *status* conservador cisheteronormativo.

Nas críticas de hooks à Madonna, principalmente na fase de SEX, o inconveniente está em como ela deixou de incorporar o subversivo vindo da subjetividade, colocando o que fosse “subversivo” ou radical, diante de uma cultura sexista e homofóbica, como entretenimento de voyerismo massificado, em que o homoerotismo é visto, lido, consumido, mas jamais submetido a um status político contra a homofobia: “apresentada dessa forma, sua presença convida leitores do status quo a imaginar que também podem consumir imagens de diferença, participar das práticas sexuais retratadas e ainda assim permanecer intocados – sem mudanças” (hooks, 2023, p. 47).

Noticiado por Cid Moreira, no Jornal Nacional, em 04 de novembro de 1993, a Justiça do Estado do Rio de Janeiro teria proibido Madonna de “exibir, ostentar e utilizar a bandeira do Brasil de forma atentatória à moral” e que se descumprisse a ordem judicial poderia ser presa com pena de 01 a 15 dias de detenção (MADONNA – The Girlie Show Tour em São Paulo, 1993).

De fato, Madonna utilizou os símbolos nacionais do verde e amarelo, a bandeira e até vestiu a camisa da Seleção Brasileira de futebol ao fim do concerto, mas não foi presa. Em um país que celebra e brinca o carnaval como o faz, os *strip-tease* do espetáculo e as simulações de sexo se tornavam ilustrações contidas. Os mesmos elementos estéticos e simbólicos brasileiros foram utilizados pela *megastar*, em 2024, tendo um valor sociocultural e político ainda maior.

Figura 3 – *Drag queens* na fila para o espetáculo *The Girlie Show*, em São Paulo, 1993



Fonte: *O Estado de São Paulo*. Foto: Edu Garcia. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/a-primeira-vez-de-madonna-no-brasil/>. Acesso em: 01 fev. 2025.

As multidões que aguardavam para assistir ao show transformou o Centro de São Paulo e arredores do Estádio do Morumbi em verdadeiras paradas de desfile e celebração da diferença e da diversidade, com inspiração na diva pop, em uma mistura de moda, comportamento, performance e música. Era um espetáculo à parte que tomou as páginas de noticiários impressos e televisionados, colocando um comportamento notadamente *queer* em perspectiva midiática. Uma *drag queen* disse sobre Madonna, em reportagem de Glória Maria para o *Fantástico*, em 1993: “ela é toda a inspiração desse mundo *drag*”.

Figura 4 – *Drag queens* na fila para o espetáculo *The Girlie Show*, em São Paulo, 1993



Fonte: *O Estado de São Paulo*. Foto: Agliberto Lima. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/a-primeira-vez-de-madonna-no-brasil/>. Acesso em: 01 fev. 2025.

Na interpretação de bell hooks sobre a Madonna dos anos 1990, solteira, sem filhos e arrastada para uma enxurrada de críticas a partir – justamente – do seu livro *SEX*, se afasta sobre como a cantora era vista e referenciada por *drags* no Brasil, em 1992. Se para hooks, *drag* era uma construção generificada para que uma mulher assumisse uma persona mais masculina (hooks, 2023, p. 57), – no caso de a mulher parodiar uma figura masculina – a imaginação cultural e social sobre o constructo performático de *drags* e transformistas se apoiam não na ideia de se “passar por”, mas de reforçar ou se distanciar de padrões de gênero. Da mesma maneira, talvez um pouco mais ácida, foi vista em 2024, com seu espetáculo autocentrado, um *show*-biografia em que a vida, a morte, a superação, os direitos, a luta contra o extremismo, e, sobretudo, a força do feminino é cultuada em uma representação de quase exorcismo, pelo menos no que tange o contexto brasileiro.

A meteórica passagem da artista com um grande produto cultural, como foi seu espetáculo de divulgação do álbum *Erotica*, em 1993, lançado mundialmente em outubro de 1992, lançou luz a muitos assuntos. Pautar sobre homossexualidade, nudez feminina, aids, diversidade sexual e amor foi um escândalo para uma sociedade muito “careta”, como diria Rita Lee.

Madonna parece ter encarnado a “vaca profana” e com suas divinas tetas dos cones icônicos de Jean-Paul Gaultier, atendido o pedido de Caetano Veloso e Gal Costa: derramou o leite bom em nossas caras que andavam angustiadas pelo sequestro dos símbolos nacionais brasileiros por uma ala neofascista sul-

americana, mas também derramou o leite ruim na cara dos caretas — e muito!

Figura 5 – Madonna durante apresentação do show Celebration Tour in Rio, 04 de maio de 2024.



Fonte: Live Nation. Foto: Kevin Mazur.

Da importância cultural e midiática que tomou forma com a passagem da artista pelo Brasil, no início dos anos 1990, 30 anos depois voltou a ser um frisson com a sua passagem, pelo Rio de Janeiro, com o *show* de celebração de sua carreira. Nesse contexto, uma efervescência *queer* tomou conta de Copacabana a um nível extraordinário levando diversas demonstrações de preconceito e ódio contra o público majoritariamente LGBTQIA+:

Jesus, Copacabana tá chovendo viado. Viado e lésbica. Olha, tem mil viado por metro quadrado, uma torre de viado! Tá subindo um em cima do outro e dando um prédio de 300 andares. O maior prédio do mundo, que está em Dubai... porque tá tendo que empilhar. Deus me livre! (Fortuna, 2024).

Se em 1993 a concentração das narrativas midiáticas se dava pelos jornais, revistas, rádio e televisão, em 2024 a polêmica ganhou dimensões sem precedentes, por meio das redes sociais. No caso da mensagem acima transcrita, de um suposto áudio postado por uma moradora de um condomínio em Copacabana, em um grupo de moradores no aplicativo de mensagens WhatsApp, é explícita o teor LGBTfóbica presente em sua fala. Contudo, o assunto “*show* da

Madonna” extrapolou bastante os núcleos jornalísticos e de fãs, ao longo do mês que sucedeu a sua transmissão televisionada, sendo comentado e tendo virado polarização político-partidária em conversas cotidianas, nas ruas.⁴

Houve muita confusão em torno do que foi apresentado no *show*. Putaria? Um Cabaré ao vivo? Suruba na TV aberta? Satanismo? Bruxaria? Ode ao demônio? Todas essas acusações foram feitas e distribuídas em dezenas de páginas *online*, depreciando a artista e a sua mensagem, utilizando a polarização política para atribuir à esquerda o que essas pessoas (tal qual a senhora que disse a mensagem, acima transcrita) classificou como “corrupção de menores”, “desperdício de dinheiro público”, “culto ao inimigo”, “imoral”, etc.⁵

Durante o início da transmissão do *show*, pela Rede Globo, o apresentador Marcos Mion disse que o clima na cidade e, em especial, em Copacabana e imediações se parecia muito com o que tinha acontecido quando da primeira passagem de Madona pelo Rio de Janeiro, em 1993. A festa, a liberdade entre os fãs, a alegria, a celebração da vida cultural, colocavam o frisson novamente em foco, pela mesma artista nessa situação, nos anos 1990. Contudo, os tempos atuais são tão obtusos quanto o da época do auge da epidemia de HIV/aids.

Eu nunca tinha presenciado, em 10 anos de magistério, minhas alunas e alunos começarem a debater sobre um *show* de maneira política. Tanto as crianças do ensino fundamental do 6º e 7º anos, quanto os adolescentes da 2ª e 3ª séries do ensino médio, começavam a debater — até a brigar verbalmente — por seus pontos de vista. De um lado, aquelas pessoas que pensavam ser desnecessário e completamente imoral um *show* mostrar “nudez”, palavras de baixo calão, e símbolos religiosos de forma “desrespeitosa” em TV aberta, com “criança na sala”. De outro, pessoas que diziam se tratar de um espetáculo artístico que falava sobre a vida, sobre a carreira da artista, e que assistia quem queria e que o *show* não era feito para crianças, portanto não eram para estar na sala no horário destinado a transmiti-lo.

Por vezes, eu fiquei surpreso e amedrontado com as falas reacionárias e conservadoras por parte de estudantes de uma geração muito mais conectada

4 É interessante notar que o local onde ocorreu o espetáculo de Madonna é historicamente um reduto LGBTQIA+, sobretudo gay. Cf. GREEN, 2000, 263-264.

5 Como se pode notar, a desinformação e ignorância (ou a desonestidade) foram bem rasas, pois o maior patrocinador do evento foi um banco privado, exaustivamente propagandeado ao longo do período em que antecedeu o *show*.

e atualizada do que a minha. Isso foi recorrente, e durou várias semanas. Mas comecei a pensar em que realmente estava embutida a discussão, o que um grupo – que não tinha assistido ou nunca tinha ouvido falar de como era uma turnê da artista – detestava de fato, de onde vinha o ódio.

A resposta estava, sobretudo, em como a informação chegava para esse grupo: TikTok e grupos do WhatsApp, com a desinformação. O que mais me deixou surpreso e – devo dizer – muito entristecido foi em como as “críticas” eram de cunho conservador e reacionário, pois o problema central era ter sido um espetáculo que mostrava a realidade a partir de um ponto de vista claramente progressista, no campo da esquerda.

Depois do último fim de semana, aquela analogia com a primeira vinda de Madonna ao Brasil nos mostra que o mundo era, sim, outro – mas nem tão diferente quanto parece. Algumas coisas continuam as mesmas, e Madonna, apesar da passagem cronológica do tempo, é uma delas: aos 65 anos de idade, permanece perfeitamente capaz de emprestar sua própria jovialidade e desobediência a uma geração que, bem como em 93, precisa dela. Sua rebeldia e vontade de mudar parecem se fazer particularmente necessárias para uma juventude que, carente de verdadeiros ícones, se torna cada vez mais conservadora, complacente e, mais preocupante ainda, plenamente careta. Mais espantosas e indecentes do que qualquer ato de Madonna, por sinal, foram as declarações feitas por jovens influenciadores e políticos associando o espetáculo com a tragédia climática que vem assolando o sul do país (Mothé; Rufino, 2024).

Todo o espetáculo levantou questões sobre resistência, liberdade, luta e coragem, além de diversidade. Do elenco presente no palco, das imagens selecionadas, das músicas e da performance, tudo foi um nó muito bem dado num cordão que segurava a mensagem de celebração da vida e da batalha contra a opressão. Dançarinos LGBTQIA+, corpos negros, coreografias que tem origem em grupos marginalizados (como o *voguing*), e a própria performance de Madonna, que vem lutando contra o etarismo há décadas.

Um momento em especial chamou a atenção para a perspectiva da artista sobre a vida e a sociedade, no show. Enquanto cantava a canção *Music* (lançada pela artista em 2000), a *drag queen* Pabllo Vittar subia ao palco para dançar ao lado de Madonna e várias/os dançarinas/os, ao passo que no telão eram mostradas imagens de pessoas que lutaram por direitos civis, liberdade de expressão e tinham evidentemente seu posicionamento político à esquerda, tais como Daniela Mercury, Gilberto Gil, Mano Brown, Marina Silva, Erika Hilton, entre outras/os. Enquanto tudo isso ocorria, os versos da música escolhida para o momento ressoavam por Copacabana: “a música une as pessoas/

a música mistura a burguesia e os rebeldes”⁶.

Figura 6 – Mano Brown (esquerda) e Erika Hilton (direita) em fotos transmitidas no telão do palco principal



Fonte: Gshow. Foto: reprodução. Disponível em: <https://gshow.globo.com/cultura-pop/noticia/famosos-homenageados-em-show-da-madonna-agradecem-por-serem-lembrados-que-honra.ghtml>.

Acesso em 12 fev. 2025.

As referências sobre gênero no *show*, assim como a participação de pessoas trans e as *drags* incendiou discursos sobre “falta de vergonha” em rede nacional. O “perigo” representado por pessoas da comunidade LGBTQIA+ se transcreveu em “homossexualizar” crianças e pessoas indefesas em suas casas, que não se sabe porque estariam com a TV ligada assistindo a tudo (mesmo que tivesse o medo de se “enviadescer”, como na canção de Linn da Quebrada) através de um *show* de Madonna... Nesse caso, Judith Bulter (2024, p. 11-12) explica que:

Quando o “gênero” absorve uma série de medos e se torna um fantasma totalizante para a direita contemporânea, as variadas condições que de fato dão origem a esses medos perdem seus nomes. O “gênero” reúne e incita esses medos, impedindo-nos de refletir mais claramente sobre o que há a temer e como, para início de conversa, surgiu a atual percepção de que o mundo está em perigo.

O “pânico moral” em torno do gênero e de representações de vida outras que não as cisheterocentradas em figuras estáticas e conservadoras de mulheres cisgênero submissas e homens viris dominadores, foram colocadas a baixo no

⁶ No original: “music makes the people come together/ music mix the bourgeoisie and the rebel” (Madonna, Ahmadzaï, 2000).

espetáculo de Madonna, tendo ela como protagonista, mas por vezes, em muitos momentos do *show*, outras/os sujeitas/os ganham a cena, e sempre contra o pretenso *cistema*, mesmo que a artista seja uma mulher branca, cisgênero e tendo por sua casa os Estados Unidos.

O “fantasma do gênero”, como Bultler trata (2024, p. 12-13), consome de religiões, principalmente nos discursos papais católicos, grande energia na comparação como “armas de destruição em massa”, causando esse pânico contra toda e qualquer ação progressista que alinhe políticas públicas de grupos marginalizados por séculos. Madonna já foi tida como “o diabo loiro” pela Igreja por ser e representar a mulher subversiva, radical, da qual bell hooks havia adorado, durante os anos 1980.

Agora, novamente, provoca arrepios com sua “radicalidade” no palco, em que gênero e modos de vida se tornam “armas” de destruição em massa... do ódio causado pela direita. Os perigos de um mundo assombrado por um fantasma não estão no gênero, mas sim no neofascismo e na radicalidade de grupos políticos ultraconservadores que angariam projetos para um “Estado forte”, em que o maior objetivo, em verdade, é querer ganhar lucro acima de tudo – e de todos.

O projeto de reconduzir o mundo a um tempo anterior ao “gênero” promete o retorno a uma sonhada ordem patriarcal que pode nunca ter existido, mas que ocupa o lugar da “história” ou da “natureza” – uma ordem que apenas um Estado forte pode restaurar (Bultler, 2024, p. 12-13).

O show traz muitas referências, muitas conexões e apropriações de subculturas LGBTQIA+, sobretudo gay e trans, dos Estados Unidos e de imigrantes radicados em Nova York. O protagonismo de Madonna é óbvio, centralizando tudo em sua própria perspectiva. Contudo, a situação narrativa do *show* é diferente das já abordadas por ela outrora, o fio condutor (puxado por um mestre de cerimônia tal qual os antigos “compadres” dos espetáculos de teatro musical do século XIX e XX, vivido por Bob the Drag Queen) de sua própria história é a mensagem principal após sua quase-morte, em 2023: ela ainda está viva, ainda está por aí e ainda pode falar por si mesma e lutar. No caso, a maior injustiça posta nos últimos anos contra ela é o etarismo. Disso, ela tem sido figura importante no entretenimento de massa, diante de padrões midiáticos no *mainstream pop* que ela mesma posicionou dos quais bell hooks comentou e analisou, no início da década de 1990.

Figura 7 – Madonna e Pablo Vittar performando Music, no palco da Celebration Tour in Rio, vestindo camisetas inspiradas na Seleção Brasileira



Fonte: FeedTV. Foto: reprodução. Disponível em: <https://feedtv.news/musica/pablo-vittar-se-derrama-apos-participacao-no-show-de-madonna-sempre-serei-grata/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

O espetáculo todo serviu para unir boa parte de grupos que andavam bem enfraquecidos culturalmente, colocando muita visibilidade — certamente — sobre causas e efeitos sociais de gênero e sexualidade, mas também propiciou um ato político simbólico ao trazer as narrativas de vidas e pessoas no campo progressista, pelo conjunto de imagens e enunciados construídos nas performances, conquistando, assim, um lugar político interessante. A celebração era da carreira da artista, mas acabou sendo também uma imensa festa de reapropriação de símbolos nacionais e que, felizmente, não se deixou cair nas estratégias de geração de polêmicas *online* agitadas e disseminadas pelo bolsonarismo. Concluo com Caio Fernando Abreu (1993), com uma percepção sobre Madonna que se encaixa, novamente, muito bem ao nosso tempo:

A moça fez um enorme bem ao astral do Brasil. Parece que gostou de nós, e a gente precisa tanto, especialmente o Rio de Janeiro. No meio de dias estranhos, pesados (as mortes de Fellini, River Phoenix, do maravilhoso Felipe Pinheiro, bombas por toda a Alemanha, lama grossa em Brasília), Madonna deixou no ar um sopro de vitalidade. Saúde, alegria, tesão. Com ou sem vírus e crise, Madonna dá vontade dessa coisa sagrada: viver. Por isso mesmo, Deus a abençoe. E pouco importa se Ele não existe, porque ela também não existe. Existem símbolos. São eles que mobilizam e, mesmo quando não bastam, são necessários. Melhor ainda se forem belos. E, repito, do bem. Do lado certo da luz, compreende?

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Na cama por causa da Madonna. **Folha de São Paulo**, 14 de novembro de 1993. Disponível em: <https://semamorsoaloucura.blogspot.com/2013/08/na-cama-por-causa-de-madonna.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

FORTUNA, Maria. 'Torre de viado': áudio que critica público de Madonna viraliza e inspira meme com nome de bloco de carnaval Rio de Janeiro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 maio 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/05/06/recebido-do-zap-audio-viraliza-e-inspira-meme-com-nome-bloco-de-carnaval-fora-de-epoca.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FREIRE, Tâmara. Madonna supera expectativa de público e encerra turnê em grande estilo. **EBC**, Rio de Janeiro, 05 05 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2024-05/madonna-supera-expectativa-de-publico-e-encerra-turne-em-grande-estilo>. Acesso em: 10 fev. 2025.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HOOKS, bell. Poder para a buceta: nós não queremos ser um idiota vestido de drag. In: hooks, bell. **Cultura fora da lei:** representações de resistência. Tradução de Sandra Silva. São Paulo: Elefante, 2023.

JORNAL Nacional - Madonna no Maracanã (Globo/1993). Rio de Janeiro: Rede Globo, 1993. 1 vídeo (2min44s). Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=ykWwR1PLoLo>. Acesso em: 02 fev. 2025.

MADONNA - The Girlie Show Tour em São Paulo (Jornal Nacional)(1993). Rio de Janeiro: Rede Globo, 1993. 1 vídeo (1min59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v-E-pWPZvLI>. Acesso em: 13 dez. 2024.

MOTHÉ; João Victor; RUFINO, Victor. Na praia com Madonna. **Moodgate**, 10 maio 2024. Disponível em:

<https://moodgate.com.br/2024/05/10/na-praia-com-madonna/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MUSIC. Intérprete: Madonna. In: MUSIC. Compositor: Madonna Ciccone; Mirwais Ahmadzaï. Intérprete: Madonna. Los Angeles: Warner, 2000.1. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/27cXevtj5VflsCUAZwr9el?si=8fb4291c81684b8b>. Acesso em: 12 fev. 2025.

NASCIMENTO, Nadine. Espaço de show de Madonna no Rio comporta no máximo 875 mil pessoas, segundo estimativa do Datafolha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mai 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/05/espaco-de-show-de-madonna-no-rio-comporta-no-maximo-875-mil-pessoas-segundo-estimativa-do-datafolha.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2025.